

Quinta-feira santa

1ª leitura Antigo Testamento – Êxodo 12:1-14a

Este texto se encontra no centro da narrativa da libertação do Egito (Êx 1-15) e faz parte de uma grande liturgia que começa com as pragas (Ex 7 -11) e culmina triunfalmente com os cânticos de vitória (Ex 15). A origem vivencial de Êxodo 1-15 é o Egito, aproximadamente em 1200 a.C. No entanto, a transformação da vivência de opressão e libertação em narrativa e, especialmente, em liturgia, se deu depois, quando as tribos se organizavam para ocupar e conquistar novas terras que eram dominadas pelas monarquias cananéias subordinadas ao Egito.

O ritual da Páscoa (que significa "passagem") reúne dois grandes grupos que até esse momento estavam divididos e, às vezes, inimizados. De um lado estavam as famílias que viviam da agricultura (mais próximas às cidade e mais exploradas pela tributação monárquica). Do outro lado estavam as famílias de pastores seminômades que circulavam pelas margens das terras cultiváveis e que eventualmente ingressavam nas cidades geralmente com péssimas conseqüências (Gn 12:10-20; 19:1-29 entre outros). A experiência de caminhar com Deus, conforme é apresentado nos relatos bíblicos, nasce mais dentro da experiência das famílias de pastores, isto é, as mais periféricas e excluídas (Gn 12-50). A inimizade entre agricultores e pastores tem em Caim e Abel seu relato simbólico (Gn 4). Abel (cujo nome significa "sopro") é o pastor de ovelhas (mais fraco, mas mais próximo de Deus). Caim (cujo nome significa "ferro") é o agricultor (mais forte) que assassina seu irmão e de cuja descendência nascem as cidades (que, na época, era igual à monarquia).

No entanto, entre os anos de 1200 e 1000 a.C. o império egípcio decaiu no seu poder sobre Canaã (Palestina). Isso levou a uma aproximação de agricultores e pastores que tiveram, na narrativa da vitória dos escravos do Egito, liderados por Moisés, Miriam e Araão, a revelação do Deus Libertador como fonte de inspiração para propor uma aliança tribal anti-monárquica onde o SENHOR seria o único e verdadeiro rei.

A liturgia da Páscoa celebra esta nova Aliança, através do memorial da libertação (v. 12-14). As famílias de pastores no primeiro mês do ano (conforme o calendário cananeu pré-exílico; v.2) festejavam o nascimento de novas crias que se fortaleceriam durante a época das chuvas para suportar a seca. Na mesma época as famílias de agricultores celebravam a festa dos pães sem levedura (que é o primeiro pão, não fermentado, feito com a primeira farinha da primeira colheita do trigo). Ambas festas, que de por si eram festas da Vida, são unificadas numa única festa "memorial" ou de "anamnesis" que significa não apenas a "lembança" mas reviver e continuar os atos libertadores de Deus. Será que a Santa Eucaristia instituída por Jesus é celebrada apenas como lembrança ou como a forma de reviver a opção perpétua de Deus pela Vida e pela Libertação? (HMG).

2ª leitura (Epístola) – 1 Coríntios 11.23-26

No trecho selecionado para a 5ª feira Santa, encontramos uma tradição do texto eucarístico anterior ao apóstolo Paulo, pois diz: "recebi... e transmiti". Aí encontramos os gestos de Jesus e suas palavras interpretativas: "este é o meu corpo... este é o meu sangue", referindo-se ao pão e o cálice. O mesmo gesto ocorre na tradição dos evangelhos sinóticos.(Marcos, Lucas e Mateus.)

O trecho selecionado encontra-se, por sua vez, num contexto maior, em que o apóstolo discute um problema da vida da Igreja, da comunidade\comunhão que se torna visível na ceia comunitária e exige discernimento. Em que consistia esse problema?

Nos vs. 17ss, conforme o apóstolo, quando os destinatários da carta se reuniam em Igreja (assembléia) - não na Igreja no sentido de edifício - o que se via e praticava era a divisão. Em que consistia essa divisão?

No paralelo acima, "quando vocês se reúnem em assembléia..., quando vocês se reúnem em comum", isto é, em ceia comunitária, "não é a Ceia do Senhor que vocês tomam"... há indicações da gravidade do problema. A ceia comunitária é ocasião para manifestar as divisões? "Cristo está dividido?" ele perguntou no início da carta. O que acontece na ceia comunitariamente tem implicação cristológica, i.e., contradiz o que se confessa sobre o Cristo. Que acontecia na ceia comunitária?

Formavam-se grupos. Os que se consideravam iguais formavam o seu grupo. Naturalmente, isso redundava em exclusão de outros. O contexto nos informa que os ricos desprezavam os pobres. Estes não podiam chegar em tempo e passavam fome. Em síntese, a prática mostrava que a reunião comunitária não seria a Ceia do Senhor que eles celebram.(11.20).

Tudo isso levou o apóstolo a chamar a atenção da Igreja para discernir o corpo. Não se tratava de discernir se Cristo estava realmente presente ou não no Pão e no Vinho. Não se tratava de discernir a modalidade de sua presença. Essas questões surgiram muito mais tarde na história da Igreja cristã. O convite ou exortação apostólica consistia em, se a reunião (assembléia, Igreja) seria realmente a manifestação do Corpo de Cristo. Tratava-se, então, de algo muito prático: eram coisas que uma criança pode sentir e entender a seu próprio modo.

Assim, vemos o problema e o objetivo na fala paulina. O objetivo é a cura das divisões e facções.(cisma no vs.18, e heresia, no vs. 19). O caminho, o método adotado é o ensino da Ceia do Senhor, a eucaristia. Essa catequese está na tradição que ele havia recebido e transmitido.

No centro dessa tradição está o Corpo e sua unidade em diversidade, em contraste com a divisão. Essa preocupação aparece desde o início da carta. Será que Cristo está dividido? Por ventura, Paulo foi crucificado em favor deles? pergunta o apóstolo. (1.13)

No texto eucarístico, aparece "o Corpo entregue em favor de vocês". Aparece, também, "na noite em que foi entregue"...Trata-se, assim, do Cristo traído, entregue, misteriosamente, doado em favor de todos. Lendo as narrativas nos Evangelhos, as quatro ações de Jesus, que antecipam a sua entrega para selar a aliança, pacto e testamento do perdão (Mt 26.28) são sinais visíveis, eficazes e eloquentes de que a traição, fuga, repúdio, ódio humanos são "traídos", e frustrados e transformados em hospitalidade, comunidade de amor.

Esse Cristo é o Senhor ressuscitado, presente na comunidade, na ceia comunitária, na Ceia do Senhor. Esse Senhor, o mesmo que foi crucificado. Mas a ênfase está no Senhor ressurrecto, que há de vir.

Este ensino paulino não é um tratado teórico sobre a Eucaristia. É um ensino aplicado à natureza da Igreja como o Corpo de Cristo, comunhão de Cristo e do Espírito Santo, como a nova Criação, a comunidade da nova Aliança. Sob esse aspecto, deve-se observar o que o apóstolo diz no capítulo 10, versos 16-17. Ai está comunhão do corpo de Cristo, isto é, a comunhão do corpo de Cristo, participação no seu Corpo. Assim, na Eucaristia a Igreja se manifesta, tornando-se visível aos olhos da fé como a comunhão do Espírito Santo, do Senhor ressurreto. Ai está o vínculo que une os membros com o Cristo que fez a doação de si mesmo e cuja doação foi reconhecida pelo Pai e feito eficaz pela sua ressurreição. Essa comunhão/comunidade aguarda a visibilidade plena do que ela é, no reinado de Deus. A Ceia do Senhor é, assim, a proclamação, celebração da doação do Senhor até que Ele venha. Assim, a Eucaristia é instrumental na construção da Igreja como comunhão em peregrinação.

A quinta-feira santa é, para os anglicanos é a ocasião para celebrar a instituição da Eucaristia, que tem o nome de Ceia do Senhor, Santa Comunhão e Eucaristia como títulos dos ritos no LOC. O uso de 1 Coríntios 11 e João 13 tem a finalidade de salientar a instituição da Santa Comunhão. E o Êxodo 12 nos ajuda perceber a continuidade da Igreja com o antigo Israel, no sentido de que a nova Páscoa surgiu da antiga festa pascal, dando-lhe um novo sentido. (ST)

Santo Evangelho - João 13: 1-15

O evangelho de hoje nos coloca ao lado dos discípulos de Jesus na celebração da ceia pascal. A atmosfera que enche o ambiente está repleta de amor (v.1). Embora o traidor estivesse entre eles, tudo aponta e chama a atenção para os significativos gestos que antecederão à traição, à prisão e a morte do Senhor.

Durante todo o tempo em que Jesus estivera com seus discípulos, ele usou com muita propriedade do recurso dos sermões. Inúmeros e maravilhosos sermões foram ditos. Falas e estórias cheias de sentido foram ouvidas pelos discípulos. Mas chega a hora em que os gestos falam mais alto. O texto de hoje nos mostra um sermão feito de gestos.

Há, em primeiro lugar, um gesto realizado. (v. 4,5) Lavar os pés dos hóspedes era um gesto extremamente comum em uma região poeirenta como a Palestina. Mas a lavagem era realizada pelo empregado mais humilde da casa. Qualquer um dos discípulos poderia fazer isto para Jesus. Mas é ele quem toma a iniciativa. F.F. Bruce nos diz que "o ato de fazê-lo para os outros discípulos seria considerado uma admissão de inferioridade, intolerável diante da intensa competição que havia entre eles pelo lugar principal no reino de seu Mestre". Muitas vezes perdemos nosso tempo discutindo quem é o melhor ou o maior, e esquecemos que Jesus, no momento crucial de sua vida, apresentou aos discípulos um sermão em forma de gestos.

Em segundo lugar, este foi um gesto questionado (v. 6, 8) A reação de Pedro não foi da forma que foi simplesmente porque ele era impetuoso.

Acredito que sua reação continha sua impetuosidade, sim, mas também era o resultado do gesto de Jesus e do embaraço dos demais discípulos diante da cena. Pedro apenas verbalizou o constrangimento que, certamente, os discípulos sentiam. Jesus, contudo, deu a entender a Pedro que haveria um sentido mais profundo que eles só entenderia depois. Não podemos ouvir estas palavras de Jesus sem nos lembrar de seu encontro com Pedro depois da ressurreição e das palavras que lhe foram dirigidas: "tu me amas?...apascenta as minhas ovelhas". (Jo 15: 16) Certos gestos podem não fazer sentido no instante em que é realizado, mas o tempo dirá o que significam.

Em terceiro lugar, este foi um gesto explicado. (v. 12-16) A explicação que Jesus dá ao seu gesto fatalmente nos faz lembrar do texto de Fp 2: 6 onde se afirma que Jesus, embora existisse "em forma de Deus", assumiu a "forma de servo". A forma de Deus não foi "trocada" pela forma de servo, mas foi "revelada" na forma de servo. No verso 13 Cristo diz: "vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou". Mas a melhor forma que Deus achou de se revelar à nós, foi na forma de servo. Sendo Jesus Senhor e Mestre e lavando os pés dos discípulos, ele nos dá o exemplo a todos os seus discípulos. Não podemos seguir o Mestre Jesus sem, também, assumir uma postura de humildade.

Diante de um pregador hipócrita, certa vez alguém disse: desculpe, não consigo ouvir suas palavras porque seus gestos falam mais alto. Que Deus nos dê a capacidade de viver a vida cristã com integridade em nossa vida. (JLFA)